

# Corredor é consultório médico no HRG

No Pronto Socorro do Hospital Regional do Gama (HRG), corredor é consultório. Em qualquer dia, a qualquer hora, pode-se ver gente sendo medicada na estreita passagem de dois metros de largura. No ar, o cheiro emanado por pacientes com incontinência urinária aumenta a dramaticidade das queixas de quem vê um parente sujeito àquela estrutura hospitalar, defasada há pelo menos duas décadas.

O governo promete acabar com esse cenário dantesco em um ano. Investirá mais de R\$ 2,3

milhões para que o HRG tenha um novo Pronto Socorro, e o atual cederá lugar a um ambulatório. Mas nem o diretor da instituição acredita que isso irá transformar o local em modelo de atendimento.

“Recebemos muitos pacientes de fora do Distrito Federal, e, quanto

melhor for o HRG, mais pessoas virão nos procurar”, comenta o diretor do hospital, Elvis Adriano da Silva Oliveira, 34 anos, que também responde pelos centros de saúde de Santa Maria, Gama e Recanto das Emas. As estatísticas sustentam o seu

lamento: 60% dos 1.200 pacientes atendidos diariamente naquele Pronto Socorro moram do outro lado da fronteira.

Com isso, falta médico e espaço até para quem já trabalhou ali. Por 20 anos, José Henrique Filho, 76, foi agente de portaria do

HRG. Aposentado, ele estava ontem no corredor do Pronto Socorro, recebendo soro. Está ali desde as 9h de sexta-feira, buscando alívio para a bronquite asmática. “Só na noite de sexta conseguimos uma maca para ele se deitar”, dizia sua neta, Maria Aparecida Lucena, 25.

**“RECEBEMOS MUITOS PACIENTES DE FORA DO DISTRITO FEDERAL, E, QUANTO MELHOR FOR HRG, MAIS PESSOAS VIRÃO NOS PROCURAR”**

Elvis Adriano da Silva Oliveira,  
diretor do hospital

Quando percorre o Pronto Socorro, o diretor do HRG repete uma explicação para as esperas que afigem os pacientes: “Não tem médico”. Ele conta que precisa de cinco médicos ali a cada manhã, mas só pode contar com dois. À tarde, o trabalho de quatro profissionais é feito por dois. “Muitos pediram demissão ou se aposentaram com medo da reforma administrativa”, afirma Elvis.

Há 10 dias, a carência de profissionais deixou o diretor encerrado. Por falta de anestesistas, parte da equipe médica decidiu cruzar os braços. Só voltaram ao trabalho porque o governo confirmou a contratação de seis anestesistas para esta semana.

Os seis anestesistas integram um grupo de 25 que estão sendo contratados esta semana e que irão se dividir entre o HRG e o Hospital de Base. Usando medidas econômicas como a redução de horas extras, a Fundação Hospitalar reuniu recursos que permitirão a entrada de 630 novos profissionais nos seus quadros nos próximos dias. Ainda assim, os hospitais da capital continuarão acumulando um déficit mensal de 101 mil horas de trabalho especializado.